

## A ESCRITA DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA: CRÔNICA

Maria Inês de Moraes Marreco <sup>1</sup>

Não há meios de os homens admitirem semelhantes verdades. Eles teceram a sociedade com malhas de dois tamanhos – grandes para eles, para que seus pecados e faltas saiam e entrem sem deixar sinais; e extremamente miudinhas para nós [...] e o pitoresco é que nós mesmas nos convencemos disto.

Júlia Lopes de Almeida.

**RESUMO:** Além de conferir visibilidade à escrita de Júlia Lopes de Almeida, este trabalho tem como objetivo falar da vida e obra dessa autora, considerada a mais publicada da Primeira República - escreveu cerca de quarenta livros, contos, crônicas e peças teatrais. Talvez ela tenha sido a única escritora de sua época que ganhou dinheiro com a pena. Aponta para o cuidado que Lopes tinha em elaborar seus textos e demonstra ainda, sua contribuição à literatura e aos leitores.

**Palavras-chave:** Crônica; Escrita; Linguagem.

**ABSTRACT:** Besides conferring visibility to the Júlia Lopes de Almeida's writes, this work aims to talk of her life and work, considered the most published of the First Republic – she wrote about forth books, short stories, cronic and dramas. Maybe she had been the only writer of her time that had made money whith the pen. It also points out the care with which Lopes handles her literary elaboration and shows yet her contribute to literature and readers.

**Key-words:** Cronic; Write; Language.

Este trabalho tem como objetivo conferir visibilidade à escrita de Júlia Lopes de Almeida pelo viés da crônica, vista aqui como um dos instrumentos de construção do feminino.

Gostaríamos, entretanto, antes de nos enveredarmos pelos caminhos da crônica, propriamente dita, falar da vida e obra desta autora que soube de forma magistral levar a termo o projeto de tornar-se criadora, não apenas criatura, em uma época que ser “das letras” era prerrogativa masculina.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras Portugues/Inglês, Mestre e Doutora em Literaturas de Língua Portuguesa, pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC-MG; Doutora em Literatura Brasileira, pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG; Pós-doutoranda em Relações Internacionais, pela Universidade de São Paulo – USP; membro do Grupo de Pesquisa Letras de Minas da FALE/UFMG.

Júlia Silveira Lopes nasceu no dia 24 de setembro de 1862, no Rio de Janeiro. Filha do Dr. Valentim José da Silveira Lopes, Visconde de São Valentim, e de D. Antônia Adelina Pereira, ambos portugueses emigrados para o Brasil. Em razão de saúde frágil, Júlia não frequentou escolas regulares, mas recebeu os primeiros ensinamentos de sua irmã Adelina e de sua mãe, mais tarde completando seus estudos com o pai, dono do Colégio de Humanidades, e com professores particulares de inglês e francês. Em 1869, mudou-se com a família para Campinas, São Paulo, onde residiram até 1855. Em 1875, a jovem faz, então, sua primeira viagem a Portugal.

O Dr. Valentim foi o grande incentivador da filha; pela influência do pai, Júlia escreveu sua primeira crônica sobre Gemma Cuniberti, atriz italiana, publicada na *Gazeta de Campinas*, em 7 de dezembro de 1881. Mas, somente em 1884 iniciou sua colaboração como cronista do jornal *O País*, do Rio de Janeiro.

De Portugal, em 1886, enviou duas crônicas para a *Gazeta de Campinas: Liza e Lisboa na rua*. Casou-se em 28 de dezembro de 1887 com Francisco Filinto de Almeida na Igreja de Santo Domingo, Lisboa. Depois de casada continuou a colaborar com diversos jornais e almanaques tanto no Brasil como em Portugal. O casal retornou à pátria em 1888, fixando residência no Rio de Janeiro. Júlia publicou neste mesmo ano seu primeiro romance com sobrenome de casada: *Memórias de Martha* e iniciou sua colaboração no *A Estação*, que durou até 1891.

Os Lopes de Almeida iniciaram as obras do casarão de Santa Teresa, no Rio de Janeiro, no qual residiram de 1904 a 1925. Lá mantiveram o “Salão Verde”, local frequentado pelos artistas e intelectuais da época, tanto brasileiros quanto estrangeiros.

Em 1908 Júlia Lopes de Almeida foi agraciada com o prêmio da Exposição Nacional com sua peça teatral *A herança*, e em 1912 o primeiro lugar no concurso de comédias e dramas aberto pela Companhia Dramática Nacional com o drama *Quem não perdoa*.

Tornou a viajar com a família além de Portugal, para outros países europeus em 1913. Reverenciada e aclamada Júlia foi homenageada em Paris, no dia 14 de fevereiro de 1914, com jantar oferecido no famoso Mac-Mahon Palace Hotel, ao qual compareceram, além da intelectualidade francesa, muitos brasileiros, dentre eles: Olavo Bilac e Medeiros de Albuquerque. Sua vida foi uma sucessão de homenagens, a saber: no Rio de Janeiro (1915) e no Rio Grande do Sul,

Paraná, Santa Catarina, (1918). Proferiu várias conferências no Brasil e no exterior. Muito prestigiada, Júlia foi a autora mais publicada na Primeira República. Escreveu cerca de quarenta livros, muitos deles com edições sucessivas.

No passaporte de Júlia há registros de sua entrada na Itália, em setembro e na Alemanha em 10 de outubro de 1928; época em que negociou com Jean Duriau a tradução de *Memórias de Martha* e de *A família Medeiros*. A escritora, entretanto, mesmo dando continuidade às viagens: Oslo, Espanha, Bélgica, Alemanha, Nice e estações de cura em Vichy, não parou de trabalhar. Muitos dos seus contos foram traduzidos para o francês e foram publicados em jornais parisienses. Aproveitou as viagens de descanso para corrigir muitos de seus textos e escreveu um romance ambientado em Paris, *Pássaro Tonto*.

Em 1931 Júlia preparou um livro intitulado *Os outros*, que acabou inédito. Vitimada pela malária e complicações renais e linfáticas, Júlia faleceu oito dias depois de sua chegada ao Rio de Janeiro, em 30 de maio de 1934. Foi enterrada no cemitério São Francisco Xavier. Compareceram as maiores autoridades da terra, artistas, amigos, parentes e admiradores.

Em homenagem póstuma Presciliana Duarte de Almeida destacou de um poema que dedicou à amiga, dois sentidos: o da mãe extremada e esposa companheira – mulher-esposa-mãe – que também se dedicou às letras. Também para João Sincero, no artigo *Nossas escritoras*, Júlia Lopes de Almeida foi:

... a mais notável prosadora brasileira. Espírito eminentemente observador, dotado de extrema ductilidade, não se compraz somente em vaguear no mundo da fantasia (...). Daí o ser uma escritora moderna. (...) é sentimental sem pieguismo (...) delicada sem preciosismo. (ELEUTÉRIO, 2005, p.75).

Do filho Afonso e do marido recebeu homenagens em versos permeados pelo desalento da perda irreparável.

Mulher guerreira, como vimos, Júlia Lopes de Almeida participou das reuniões para a formação da Academia Brasileira de Letras, mas ficou fora por ser mulher. Seu marido Filinto de Almeida foi eleito. Entretanto, tempos depois este declarou a João do Rio: “Nunca disse isso a ninguém, mas há muito que o penso. Não era eu quem deveria estar na Academia, era ela”.

“Morrer não é acabar para os que deixam na terra um pensamento”. Esta epígrafe foi encontrada numa caderneta de anotações pessoais da escritora<sup>2</sup> e sintetiza os diversos gêneros que praticou durante seus cinquenta e três anos de extensa e variada produção literária, abrangendo romance, conto, crônica, literatura infantil, teatro, etc, além da colaboração em vários periódicos no Brasil e em Portugal, os quais, compilados em livros, poderiam ser considerados didáticos, já que eram voltados para a educação da mulher.

A produção romanesca, contística e crônística de Júlia Lopes de Almeida, a primeira dama da *Belle Époque*, na expressão de Peggy Sharpe, foi apontada pela crítica ora como real/naturalista, ora como subjetivista/romântica. No entanto, esta era a tônica das escolas literárias vigentes na época, que proclamavam o domínio do objetivo sobre o subjetivo, a introspecção sobre o ficcional e a forma romanesca cada vez mais solicitada para acompanhar a aventura do discurso interior.

A escritora publicou: *Memórias de Martha*, escrito entre 1885-1886; folhetim na *Gazeta de Notícias* - RJ, na *Tribuna Liberal*, RJ, 1888-1889, Paris, 1930 e reeditado em 2007; *A família Medeiros*, (1891), que saiu em volume em 1892, esgotando essa edição em três meses; *A viúva Simões*, em folhetim em 1895 e em formato de livro em 1897, em Lisboa, 1999; *A falência*, (1901), segunda e terceira edições, 1978 e 2003; *A intrusa*, como folhetim em 1905, como livro em 1908, segunda edição, (1935), na cidade do Porto, Portugal e a terceira, (1994); *Cruel Amor*, folhetim, (1908), livro, (1911) e (1928) no Rio de Janeiro e em São Paulo, (1867); *Correio da roça*, folhetim (de 1909 a 1910), livro, (1913) e (1987); *A casa verde* inicialmente foi publicado no *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, de 18 de dezembro de 1898 a 16 de março de 1899, em parceria com Filinto de Almeida e com o pseudônimo comum de A. Julinto. Em 1932 foi publicado em livro, em São Paulo. Foi o último romance de Júlia Lopes de Almeida; *A Silveirinha (crônica de um verão)*, romance-folhetim, no *Jornal do Comércio*, RJ em 1913, em livro, 1914 e 1997; *A isca*, composta de quatro novelas: *A isca*, *O homem que olha para dentro*, *O laço azul* e *O dedo do velho*, 1922 e, finalmente, *O pássaro tonto*, 1934, publicado um mês após a morte da escritora.

No Acervo Lopes de Almeida consta como inéditos os romances:

---

<sup>2</sup> Estas cadernetas pertencem ao espólio da família, cuja maior parte se encontra com o neto da escritora, Cláudio Lopes de Almeida, no Rio de Janeiro.

*Mãos de naufrago* – romance em parceria com Afonso Celso, Humberto de Campos, Goulart de Andrade, Augusto de Lima e Oscar Lopes. Originalmente, no anúncio do jornal, trazia também o nome de Albertina Bertha como colaboradora. Foi publicado em rodapés na *A Folha*, Rio de Janeiro, 1920. De *O funil do diabo*, existem originais datilografados e a cópia da publicação em jornal; porém, não consta a data em que foi publicado e tampouco em que periódico. *Os outros, Segredo conjugal, Páginas curtas* – há fragmentos, anotações de jornal, porém, sem nenhuma indicação de data ou local de publicação. (ALMEIDA, 2007, p.37).

Em 1886, Júlia Lopes de Almeida, em colaboração com a irmã Adelina A. Lopes Vieira, publicou o livro *Contos infantis*, que por decisão da Inspeção Geral da Instrução Primária e Secundária da Capital Federal, foi adotado para uso nas escolas primárias do Rio de Janeiro e depois para as de todo o Brasil durante mais de vinte anos. Talvez por isso, Júlia tenha sido a única escritora de sua época que ganhou dinheiro com a pena. Ainda em Portugal, a escritora publicou, às suas expensas, o livro *Traços e Iluminuras*, (1887), cujo sucesso de público e de crítica foi imediato; *Ânsia eterna*, (1903); o qual, na última versão em 1938 foi revisto pela autora e modificado no conteúdo. Em 1907, novos contos infantis – *Histórias da nossa terra*, (1907); *Era uma vez*, contos infantis que encerra a obra da autora como contista. Traduziu: *Les roses* (1914) e *Les Porcs* (1928 e 1929). Do acervo particular da família, *La tuerta*, em *La Nacion*, Buenos Aires, 22 de outubro de 1922.

Júlia Lopes de Almeida escreveu para o teatro as peças: *A herança*, peça em um ato representada em setembro de 1908 e mais três peças em 1917: *Quem não perdoa*, *Doidos de amor* e *Nos jardins de Saul*, num volume intitulado *Teatro*. Destacamos ainda nas obras inéditas localizadas no Acervo Lopes de Almeida as peças teatrais: *Vai raiar o sol* (comédia em quatro atos), traduzida para o francês pela própria autora com o título *Le renouveau*; *O dinheiro dos outros*, (comédia em três atos), *A senhora marquesa*, (comédia em três atos); *O broche*, (peça em três atos) e *Aquela noite* (peça em cinco atos), além de outras publicações.

Finalmente, o mote deste estudo - a crônica. Essa é a mais antiga forma da expressão escrita desde os primórdios do registro do conhecimento, mas deve conter suavidade mesmo que falando de situações difíceis. Ibrahim Felipe Heneine acredita que na crônica:

Os componentes sensorial, emocional e afetivo devem estar presentes, em maior ou menor dose, conforme a narrativa. Para sensibilizar o leitor, se os houver. Uma pitada de ironia, um grão de sal, dá maior sabor em certos casos. Sarcasmo nunca. Rebaixa o cronista e enfeia o fato cronicado. (HENEINE, 1998).

Destes componentes, com realce para a ironia já nos tinha falado o maior dos cronistas brasileiros de todas as épocas, Machado de Assis, para quem, o gênero se caracteriza por ser “um confeito literário sem horizontes vastos”, “uma frutinha do nosso tempo” ou “um tecido invisível em que se pode bordar tudo”.

Pensando, pois, no bordar o tecido, mesmo que invisível, orientaremos nosso foco para a mulher que lutava por uma vida melhor para suas companheiras, que defendia o direito da mulher à educação como fundamental.

Das mudanças na estrutura de nossa sociedade verificamos que o século XIX deflagra esse processo da participação e da valorização da mulher, a partir da vinda da família real para o Brasil. É nesta época que a imprensa feminina passou a influir com maior intensidade, *a priori*, dentro do contexto da moda, para mais tarde ousar enveredar-se por outros caminhos. “O fato é que a imprensa feminina brasileira começava a nascer por volta de 1820, junto com a efervescência política da independência, constituinte, etc.” (BUITONI, 1981, p.12). Dulcília acrescenta:

No século XIX, encontramos duas direções bem definidas na imprensa feminina: a tradicional, que não permite liberdade de ação fora do lar e que engrandece as virtudes domésticas e as qualidades “femininas”; e a progressista, dando grande ênfase à educação. (BUITONI, 1981, p.28-29).

Júlia Lopes de Almeida se valeu das duas direções. Da primeira com os livros de crônicas: *Livro das noivas* e *Livro das donas e donzelas*, verdadeiras apologias à submissão da mulher voltada unicamente para a casa, a felicidade dos seus e para a vida simples. Da segunda, com *Eles e elas*, a autora já ousava expor outras idéias que a colocariam no rol das mulheres que lutavam para que suas vozes fossem mais ouvidas.

A primeira coletânea de crônicas de Júlia Lopes de Almeida foi escrita em 1891 e editada cinco anos depois, quando Júlia tinha vinte e nove anos e dois filhos

pequenos. A quarta edição foi editada em 1926. *O livro das noivas* é dedicado ao marido.

Vejamos um fragmento extraído de uma de suas crônicas, *Concessão para a felicidade*:

É o nosso esposo quem nos conduz pelo braço através dos caminhos da vida que a sociedade embaraça com os seus preconceitos terríveis; é firmado no seu nome, na sua honra, na sua dignidade, que o nosso espírito descança e que nos vemos cercadas de respeito. Tanto mais forte elle for, quanto mais admiração lhe teremos.

Os seus triumphos, são as nossas alegrias; o seu êxito no mundo, o nosso orgulho; a sua intelligencia e o seu renome, o melhor quinhão que a providencia nos poderia atirar! São essas alegrias affectuosas as que mais prendem e docemente enlaçam os corações dos esposos. (ALMEIDA, 1898, p.51-52).

Em *Falta de tempo*, a autora esboça o que pensava do homem:

As moças pensam que o futuro lhes guarda sempre flores immarcessíveis e estrellas de oiro sempre scintillantes, sem que ellas tenham mesmo o trabalho de pedir a Deus que não emmurcheça umas nem apague as outras!

Mas, minhas amigas, não vos esqueçaes de que o homem é egoísta e auctoritario e de que para fazel-o feliz, como vos cumpre, tendes de renunciar ao doce ócio em que o vosso pensamento se balança e tel-o sempre vigilante e activo. (ALMEIDA, 1898, p.76-77).

Devemos, portanto, considerar que Júlia falava de uma casa onde houvesse criadagem considerável. Esta é “a chave da diferença de um tempo que não é apenas anterior ao nosso – é outro tempo, outra cultura, outra sensibilidade”, nas palavras de Robert Darnton. (RESENDE, 1995, p.25).

Outro exemplo de um produto literário que fazia sucesso neste “outro tempo” é a crônica *A cozinha*:

É da cozinha que muitas vezes depende a felicidade do homem! (...) Somos, na maior parte, umas inuteis donas de casa! É tempo de nos convencermos de que a cozinha deve, muito especialmente, merecer o nosso zelo, a nossa mais escrupulosa attenção. (ALMEIDA, 1898, p.97-99).

Em 1906, Júlia publicou com desenhos de Jeanne Mahieu, *Livro das donas e donzelas*, uma coletânea de crônicas voltadas a assuntos de interesse feminino, com textos os mais variados: vestuário feminino, arte culinária, árvores e plantas. Nesse, Júlia tece comentários sobre as brasileiras que já adotavam ideias e costumes definidos pelas feministas, mesmo antes de 1920, época da fundação das primeiras associações femininas. É bom lembrar que Júlia Lopes de Almeida participou da Legião da Mulher Brasileira, numa das primeiras organizações feministas do Brasil, formada em 1919, sugerindo seu interesse e adesão à causa feminista desde o momento em que poucas vozes se pronunciavam pela urgência da emancipação da mulher.

A escritora, envolvida nas campanhas pelo aprimoramento da educação feminina, assim descreve a mulher brasileira em *Livro das donas e donzelas*:

Mas não tivesse ela [a brasileira] capacidade para a luta e ainda as portas das academias não se lhe teriam aberto nem teria conseguido lecionar em colégios superiores. [...] Apesar da antipatia do homem pela mulher intelectual, que ele agride e ridiculariza, a brasileira de hoje procura enriquecer a sua inteligência freqüentando cursos que lhe ilustrem o espírito e lhe proporcionem um escudo para a vida, tão sujeita a mutabilidades... (ALMEIDA, 1906, p.36).

Podemos observar neste fragmento que a autora quer recuperar parte da trajetória das mulheres brasileiras rumo à escolarização. Sabe-se que em 1879 as instituições de ensino superior abriram suas portas às mulheres e as Escolas Normais começaram formando professoras. Lembremo-nos, mais uma vez, que as mulheres retratadas por Júlia pertenciam à elite, a grande maioria delas, porém, ficava longe dos bancos escolares sem qualquer possibilidade de profissionalização.

Foram compilados e publicados em um volume, em 1910, vários monólogos e diálogos intitulados *Eles e elas*, uma coletânea de crônicas publicadas em *O País* nas colunas: *Reflexões de um marido*, *Reflexões de uma esposa* e *Reflexões de uma viúva*, de 1907 a 1909. Devido ao sucesso, houve uma segunda edição neste mesmo ano e uma terceira em 1922.

Em sua crônica Cada vez que... :

Cada vez que peço dinheiro a meu marido e que elle acompanha o gesto de o tirar da algibeira com estas

palavrinhas: - Oh, já acabaste com todo o dinheiro que te dei ontem?! – sinto um calafrio subir-me dos calcanhares à nuca. (...) De humilhada que me sinto, parece-me então que me contentaria com o mais humilde cantinho da terra e que despida de todos os luxos, roendoervas cruas como os cabritos, eu me sentiria mais glorioza, por mais independente, do que nesta contingencia de pedir, de precisar... (ALMEIDA, 1910, p.21).

A voz autoral rompe e transgredir, reagindo contra os limites impostos à marginalização da mulher. Ou melhor, aponta para a possibilidade de transposição destas barreiras. Porque ter que depender sempre? Porque ter que passar pela humilhação de pedir?

Em lenta e crescente ampliação dos novos espaços, as mulheres começaram a frequentar lugares antes só permitidos aos homens. É o que sugere o texto *Ah! Os senhores feministas*, no qual o narrador, um homem, em primeira pessoa, reclama a ausência da esposa no lar:

Ah! Os senhores feministas! pudesse eu enforcal-os a todos com uma só corda... (...) Pois quando é que se viu nunca uma senhora cazada e mãe de filhos, como é a minha, não estar em caza à hora em que o marido entra para o jantar! De mais a mais, nem deixou dito para onde ia.  
Plena liberdade, hein? Os tempos aconselham estas independências, aproveitemol-as!... E o marido? O marido que ceda, que se sujeite, que sorria, que diga amen!  
(ALMEIDA, 1910, p.69).

Verifica-se, neste caso, um conflito entre a voz de Júlia Lopes de Almeida e a voz do narrador. A primeira parece não aceitar o comportamento independente da esposa em foco; a segunda culpa o feminismo por mudanças de costumes que estariam subvertendo as doces rainhas do lar. O texto termina quando o marido recebe um telegrama da mulher dando-lhe satisfações de que estava cuidando da sogra.

Em síntese, Júlia anuncia pequena mudança do comportamento feminino gerada pelas feministas, mas deixa claro o quanto a mulher teve que lutar para conquistar seu espaço. Dona Júlia em seus escritos discutiu variados assuntos e fez diversas campanhas, dentre elas, a do divórcio. Eis um fragmento da crônica *Os serões familiares*:

Dindinho esqueceu-se de que se deleitou na vida com a variedade de três lares diferentes, porque cazou e enviuvou sucessivamente trez vezes, além de vinte paixões avulsas, para atacar o divorcio como uma lei destruidora e fatal; e o senhor meu marido esqueceu-se da felicidade que lhe dou, e que nenhuma outra mulher lhe daria tão perfeita, para defender esse mesmo divorcio... Uma idéa! para castigo do sofrimento que meu marido me infligiu hontem, quem vai logo à noite fazer a apologia do divorcio, sou eu! (ALMEIDA, 1910, p.79-81).

Pode-se inferir que Júlia neste trecho de crônica tenha querido nos mostrar que estava em processo a construção da nova mulher brasileira, aquela que saberia reagir ao que considerasse insulto ou falta de respeito.

É também na tessitura da ironia que Júlia Lopes de Almeida vai nos falar em *Há de ter muita graça...*:

Há de ter muita graça que o senhor meu marido, sabendo perfeitamente que morro por ir ao teatro, tivesse tido a coragem de ir hoje a algum delles sem mim... Não duvido; só para me dizer depois, com aquele arzinho de desdém, quando eu manifestar o dezejo de ver esta ou aquella peça: - Não vale a pena, minha filha; aquillo é uma bambochata, não imaginas! (...) Amanhã, porém, quando eu lhe pedir para que me acompanhe à caza de minha madrinha, (...) – Tens coragem de trocar pela caza dos outros a doçura deste nosso serão a dois, na comodidade desta nossa salinha, onde hoje eu tencionava estudar um pouco, bem pertinho de ti?! (ALMEIDA, 1910, p.101-102).

Como disse Constância Lima Duarte: “Aparentemente o problema de que está tratando nem é muito sério, mas, de modo sutil, a autora conduz seu leitor para reflexões acerca de questões extremamente complexas”. (DUARTE, 1995, p.110).

Júlia elabora a linguagem de forma a nos tocar no âmago do ser, e isto, de forma natural, despretensiosa, estabelecendo entre autor e leitor a relação que provoca a sensação deste, estar vivenciando o seu dia-a-dia.

Na visão do Professor Antonio Candido: “... pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. [...] ... a sua

perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão!”. (CANDIDO, 1992, p.14).

Veja-se em a contundente Falta de ordem, na qual o marido reclama de tudo em casa como se a mulher fosse a única responsável por cada objeto, por cada centímetro quadrado do lar. A voz autoral num monólogo aponta o ponto de vista do homem de sua época. Entretanto, denuncia a dominação à qual a mulher é submetida, e, de certa forma, deseja transgredir as normas da sociedade em que vive:

... se tivesse então capacidade para refletir em alguma coisa, seria para invejar a sorte desses animaizinhos que furam a terra e se somem da vida quando bem lhes parece... Fugir...fugir para o silêncio... para a morte simulada, em que os nervos repouzem da vibração que os enfraquece, seria um doce remédio para certas querelas conjugais... (ALMEIDA, 1910, P.140-141).

E ainda, na crônica As mulheres pensam... : “As mulheres pensam... Não! As mulheres não pensam, devaneiam apenas; e isso mesmo às vezes... Pois eu não vejo? se querem agir por si, ao mínimo embaraço olham logo em redor, procurando socorro! (ALMEIDA, 1910, p.147). A inteligência da mulher não é levada em conta. Os homens daquela época não a viam como ela verdadeiramente era. É assim, que Júlia Lopes de Almeida surge no cenário nacional para provocar as manifestações femininas, para dar oportunidade àquelas que até então eram olhadas com indiferença ou, até mesmo, menosprezo pelos homens.

Júlia Lopes de Almeida, segundo Eliane T.A. Campello: “... vem para iluminar aspectos obscuros de um sujeito no/do feminino e contribuir, mais uma vez, para a fixação da história da literatura brasileira, marcada por uma estética voltada para o estudo de gênero”. (CAMPELLO, 2007, Orelha).

Para finalizar faz-se necessário constar deste estudo que foram encontradas no Acervo Lopes de Almeida, como crônicas, *Cartas de um artista*, provavelmente inédita, datada de 1894, na qual a autora usa um narrador masculino, Gustavo, discutindo com um interlocutor, Fernando, sobre “como se escreve um romance”.

## REFERENCIAS

ALMEIDA, Júlia Lopes de. (Org.). Adelia Motta. **Livro das noivas**. Lisboa: Typographia da Companhia Nacional Editora, 1898.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. **Elles e ellas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves & Cia, 1910.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. **Memórias de Marta**. Florianópolis: Mulheres, 2007.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira**. São Paulo: Loyola, 1981.

CAMPELLO, Eliane T.A. In: **Memórias de Marta**, Orelha. Florianópolis: Mulheres, 2007.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: **A crônica: gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras (1711-2001)**. São Paulo: Escrituras, 2002.

DUARTE, Constância Lima. A crônica feminina brasileira: das origens à contemporaneidade. In: **Vivência. Revista do CCHLA da UFRN**. Natal, v.9, n.2. jul/dez, 1995.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. **Vidas de Romance: as mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos - 1890-1930**. Rio de Janeiro: TOPBOOKS, 2005.

HENEINE, Ibrahim Felipe. *Crônica, artigo, ensaio*. In: **Estado de Minas, 02/02/1998**.

RESENDE, Beatriz. (Org.). **Cronistas do Rio**. Rio de Janeiro: José Olympio, CCBB, 1995.

**Recebido: 30.04.15 | Aprovado: 25.07.15**